



Foto: Silvio Vieira de Miranda

Nossa Chama Sagrada

por Silvio Vieira de Miranda, professor de classe do 6º ano

Depois de quase um ano e meio de pandemia e isolamento social, no início de agosto pudemos receber todas as nossas crianças e jovens presencialmente na escola. Os menores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental já tinham retornado. Quero compartilhar com as famílias da nossa querida Aitiara um pouco dessa experiência. [Leia o texto na íntegra](#)

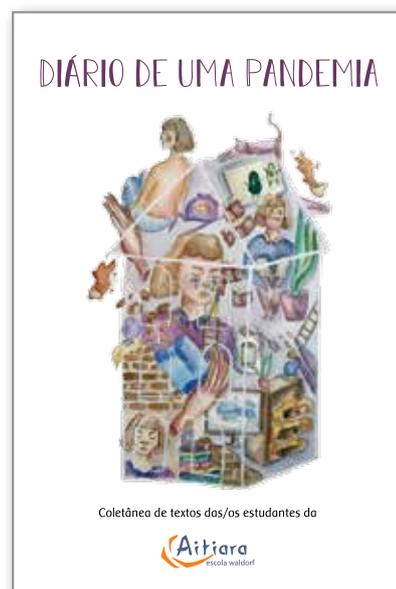
Diário de uma pandemia

por Fabiana Camargo Pellegrini, professora de Língua Portuguesa e Literatura

A pandemia da covid-19 ainda não acabou. Após um ano e meio em que a vida mudou radicalmente para todos nós, lembrar os primeiros momentos talvez nos ajude a planejar o futuro que queremos. Nossos jovens retornam à escola, alguns presenciais, outros em formato ainda virtual. Protocolos, uso de máscaras, distanciamento, ensino híbrido. A vida não é mais a mesma, assim como nós também não somos.

Diante desse cenário, temos a oportunidade para lembrar os primeiros momentos e, quiçá, traçar novas perspectivas – com amorosidade e responsabilidade coletiva. Assim trazemos ao mundo o belo trabalho produzido por nossos jovens durante o segundo semestre de 2020, o nosso *Diário de uma pandemia*.

[Leia o texto na íntegra](#)



R\$ 36,00

R\$ 26 CUSTO DE IMPRESSÃO

+ R\$ 5 APOIO ÀS FAMÍLIAS

+ R\$ 5 LIVROS PARA A BIBLIOTECA

biblioteca@aitiara.org.br

O teatro na pandemia

por Beatriz Retz, professora de classe

O teatro é um momento muito especial no Ensino Fundamental e contribui com o processo de transformação profunda que ocorre nos jovens na transição para o Ensino Médio – uma grande oportunidade para avançarem em direção



[Assista aos 7 episódios do "Mil e uma notícias"](#)

à descoberta de si mesmos! É sempre algo inusitado, pois dá voz ao rico universo de talentos que vive no grupo, no qual as capacidades e habilidades se mesclam num belo mosaico: na montagem dos cenários, na elaboração dos cartazes, na confecção do figurino, na produção musical e no rico trabalho de experimentar os personagens.

[Leia o texto na íntegra](#)

Por uma Educação Antirracista

O grupo Diversidade, composto de mães e pais empenhados em discutir a questão da diversidade na escola, com foco inicial no debate e em ações antirracistas, vem trabalhando para conscientizar sobre a importância e urgência desse tema.

OBJETIVOS DO GRUPO

- Mapear a presença de pessoas negras e indígenas no corpo docente e discente.
- Implementar políticas afirmativas que buscam promover a equidade racial.
- Entender como as Leis 10.639 e 11.645, que tornam obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, estão sendo aplicadas na escola.
- Promover o letramento racial da comunidade escolar por meio de cursos, palestras e estudos sobre a questão racial.
- Construir uma escola verdadeiramente antirracista.

O que estamos fazendo

Em agosto, enviamos uma carta às instâncias da escola reforçando o convite à participação ativa nas ações deste grupo. [Leia a carta](#)

Ainda em agosto, iniciamos o estudo do livro ***Racismo estrutural***, de Silvio Almeida, e participamos do encontro aberto do ***Movimento Preto na Pedagogia Waldorf***.

O próximo evento previsto será o ***Círculo de Leitura*** com a obra ***Úrsula***, de Maria Firmina dos Reis, no dia 04 de outubro.

PARA SABER MAIS



Palestra “História da discriminação racial na educação brasileira”



Artigo de Robin DiAngelo sobre branquitude e privilégios



Coletânea de poesias de mulheres negras, por Isabella Lippi



Roda de conversa sobre Identidade Negra promovida pela FEWB

Se esse tema é importante para você, participe dos encontros abertos do grupo ou entre em contato com conselho.das.familias@aitiara.org.br.

Quem foi Maria Firmina dos Reis?

por Gabriela Guenther, pela Biblioteca Teçá



Ao que se sabe, Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão, em 11 de março de 1822 (os registros referentes à população negra não são conclusivos). Curvou o magistério e foi professora durante muitos anos. No início da década de 1880, fundou a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do país.

Como escritora, foi presença constante na imprensa local, publicando poesia, ficção, crônicas e até enigmas e charadas. Atuou como folclorista, na recolha e preservação de textos da cultura e da literatura oral e também como compositora, sendo autora, inclusive, de um hino em louvor à abolição da escravatura. Em 1859, aos 37 anos, publicou o romance *Úrsula*, seguramente o primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a América Latina – e primeiro romance abolicionista de autoria feminina da língua portuguesa –, no qual aborda a escravidão a partir do ponto de vista do Outro. Apesar de sua atuação e produção literária, durante muito tempo permaneceu esquecida. Sua obra só foi recuperada nos anos 1970 pelo intelectual negro José do Nascimento Moraes Filho.

(Fontes: *Enciclopédia negra*, Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz, Companhia das Letras, 2021 e site [Literafro](#).)

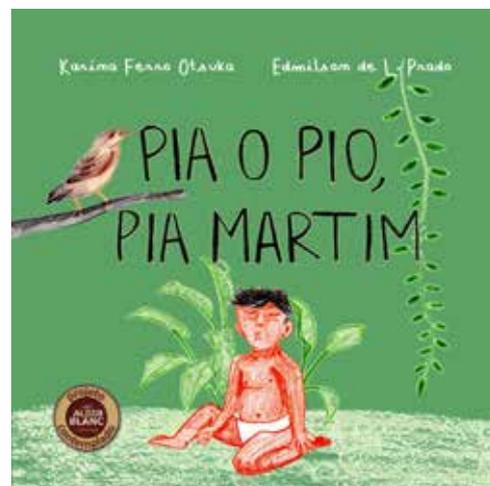
Na estante da biblioteca

Pia o pio, pia Martim, Karina Ferro Otsuka e Edmilson de Lima Prado, 2021.

Martim é uma criança caiçara que vive com sua família na floresta. Desde que nasceu ouve o canto dos passarinhos e, antes que soubesse falar, aprendeu a piar!



[Assista ao vídeo sobre o livro](#)



O trabalho social como transformação

por Amélia Vieira Branco, assistente social da Aitiara



De 2017 até 2019, na disciplina de Habilidades Sociais, os alunos da Aitiara (11º ano) tiveram oportunidade de vivenciar o trabalho social. Alguns depoimentos nos revelam como essa experiência foi transformadora:

“O trabalho social foi muito importante pra mim porque mudou minha visão de mundo. Foi uma experiência boa porque eu aprendi

como é importante escutar o que o próximo tem a dizer. Aprendi a exercitar a empatia, que é se colocar no lugar do outro.” (Lavínia Guehardt Gonçalves)

“Primeiro nos veio a pergunta: o que é empatia? Como praticamos a empatia? Ela está em nosso cotidiano? Após muitas reflexões e prática, compreendi que o estágio social nos deu a oportunidade de praticar e vivenciar a empatia, que é se colocar no lugar do outro, nem que seja por um momento. Vivenciar isso me ensinou muito e levarei essa experiência para o resto da vida.” (Maria Vitória Aureliano da Costa)

[Leia o texto na íntegra](#)

Transformar a comunidade

O Projeto Transformação nasceu no começo da pandemia por iniciativa de um grupo formado por jovens e adultos que buscavam atender tanto famílias de baixa renda como pequenos produtores rurais. A proposta é oferecer cestas básicas e hortaliças frescas com itens de pequenos produtores de nossa redondeza.

[Leia o texto na íntegra](#)



Doação de hortaliças

por Ludmila Conrado, professora auxiliar do 5º ano

No 1º semestre de 2021, ainda no ensino remoto, os alunos do 7º ano tiveram como tarefa levantar um pequeno canteiro para o plantio de hortaliças. Cada aluno preparou seu canteiro em casa: trabalharam muito com as mãos afofando a terra, adubando, cobrindo o canteiro e plantando as mudas e sementes. Alguns improvisaram a tarefa em vasos e floreiras, e até mesmo um carrinho de mão se transformou em canteiro!



Os alunos cuidaram dessas mudas até sua colheita, porque tínhamos um objetivo grandioso: doar tudo para as famílias de Botucatu que estivessem precisando receber alimento e amor.

Assim, entregamos nossa produção à Associação Espiritualista Terreiro Pena Vermelha, que semanalmente atende famílias do Jardim Aeroporto, MSL e Porto Said oferecendo uma sopa preparada com alimentos doados. [Saiba como contribuir](#)

Mãos que trabalham

Em 2020, as crianças do Ensino Fundamental confeccionaram luvas de lã para as aulas de trabalhos manuais da professora Juliana Retz. No rigoroso inverno de 2021, as luvinhas foram encaminhadas para doação.



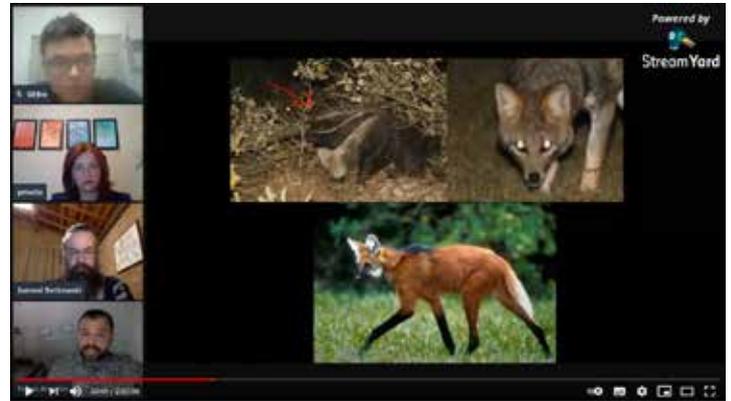
“Jura que foi uma criança que fez pra nós?”, diz o menino de mão gelada escolhendo a luva azul. O olhar brilhante não parece ser do frio - é de alegria do sonho de receber um presente que alguém fez pra ele. Alguém como ele. Alguém anônimo, a quem não daremos nome, como não damos ao menino que dormiu a noite toda abraçado à sua luva nova. Ações anônimas, extensivas à Humanidade que todos temos em nós.

Ana Vieira Pereira, dirigente da [Associação Espiritualista Terreiro Pena Vermelha](#), ex-professora de Língua Portuguesa da Aitiara e cofundadora do Ensino Médio da escola

O tamanduá-bandeira

por Samuel Betkowski, pai na escola e consultor ambiental

O tamanduá-bandeira (do tupi-guarani: *tá-monduá* = o caçador de formiga) é um mamífero que vive apenas na América do Sul e na América Central e é parente dos tatus e do bicho-preguiça. Os tamanduás-bandeira se reproduzem durante o ano todo mas podem ter somente um filhote a cada 9 meses, o que representa o nascimento de apenas um filhote por ano. [Leia o texto na íntegra](#)



[Clique para assistir ao vídeo "Cerrado, e eu com isso?"](#)



Campanha de conscientização realizada por moradores e amigos do bairro Demétria e bairros adjacentes, grupo SOS Cerrado Botucatu e IBB/Unesp, com apoio da Prefeitura de Botucatu e da concessionária Rodovias do Tietê.

AMANAJÉ

Equipe editorial: Cristina Yamazaki, Fabiana C. Pellegrini, Gabriela Guenther, Ludmila Conrado e Mariano Pikman.

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores. Quem quiser colaborar com relatos, notícias ou informes, pode enviar seu texto para amanaje@aitiara.org.br. Os materiais e sugestões serão avaliados pela equipe editorial.